

# EIS O PRIMEIRO TRIBUTO DAS 8 HORAS DE TRABALHO

## AÇÃO DIRETA



Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR — SALA 922

ANO 11 — N.º 106

Rio de Janeiro, Maio de 1956

PREÇO: Cr\$ 2,00

CAIXA POSTAL 4.588

### O 10.º ANIVERSÁRIO DE "AÇÃO DIRETA" E OS CONGÊNERES QUE A PRECEDERAM NO RIO DE JANEIRO

CRÔNICA LITERÁRIA

Por JOSÉ OITICICA

Na 2.ª página

Em 10 de abril de 1956 completou uma década de existência o nosso periódico Ação Direta. É o que alcançou vida mais longa entre os congêneres que viram a luz na Capital Federal. Portanto, vemos nesse fato, à simples vista sem importância, um motivo de regozijo para a família ácrata. Porque é, sem dúvida, uma demonstração de perseverança dos que a ela dedicaram o seu esforço e cuidados, apoiados com o auxílio de todos os anarquistas do Brasil.

Os que abraçam o Ideal e também os que com ele simpatizam estão, julgamos nós, no dever de atinar esforços para aumentar e continuar a obra de propaganda entre os séres que compõem a sociedade. E, um dos grandes meios com que contam é o jornal. Perseverar na lida é sinal de vida.

Entretanto, comemorando essa década de atividade jornalística na sementeira das idéias, achamos oportuno recordar as iniciativas levadas a cabo pelos anarquistas do Rio de Janeiro desde 1893, com o fim de terem imprensa sua. Naturalmente, não só para propagar o Ideal, mas, também para combater a exploração e tirania patronal, ao mesmo tempo, pondo no pelourinho os liberticidas que apareciam.

De alguns apontamentos que obtivemos sobre o movimento operário, socialista e anarquista do Rio, vamos tirar a nomenclatura (1) dos jornais e revistas que aqui se publicaram, citando os seus diretores e redatores. Começamos, pois, pelo primeiro jornal anarquista publicado:

"O Despertar"; lema: comunista livre; sabemos que viram a luz 3 números, de outubro a dezembro de 1898. Editor, Grupo Angiolillo; redator, José Sarmento Marques, de profissão chapeleiro; tinham a sua sede na rua Senador Pompeu, 119.

"O Protesto"; lema: periódico comunista livre, porém, do n.º 7 em diante, somente: periódico anarquista. Tinha a redação na rua Evaristo da Veiga, 78; certo, saíram 11 números, de setembro de 1899 a julho de 1900. Foi seu fundador e redator J. Mota Assunção; contava 21 anos a essa altura; trabalhou como condutor de bondes, depois como compositor tipográfico e mais tarde como linotipista; colaborou em todos os nossos jornais durante os 10 anos que militou no movimento, usando o seu nome e os pseudônimos de Carrard Auban e Cesar Mendes. Colaboraram nesse periódico: Gigi Damiani, José Sarmento, Magnus Sondhal e outros.

"A Greve"; certo, sabemos que se publicaram 7 números, porém, cremos terem sido 10 ou mais, de maio a setembro de 1903; seu primeiro redator foi Elísio de Carvalho, sendo a redação na residência dele, na rua do Riachuelo, 204, de frente, quase, da rua Costa Bastos. Do n.º 3 em diante passou a ser redator Francisco Paasilipo da Fonseca e administrador Eduardo Palácios, com redação na rua Gonçalves Dias 67 — 2.º andar. Seria longo demais relatar aqui como nasceu e correu a vida deste jornal. Entretanto, podemos lembrar que, devido a sua influência entre os operários estivadores, estes se conservaram coesos na sua luta, criando a associação de classe: "União dos Operários Estivadores" que os levou à vitória quando da greve geral dos trabalhadores do Rio, em agosto de 1903; o mais importante movimento grevista até então realizado no Brasil, para aumento de salário e conquista das 8 horas de trabalho.

"O Trabalhador", quinzenário anti-político, tendo saído somente o 1.º número, em outubro de 1903; com artigos de Elísio de Carvalho, Mota Assunção, Guarani, Maria de Oliveira e Erasmo Vieira.

"Kultur", revista mensal; sabemos terem visto a luz 3 números, de março a maio de 1904; foram seus iniciadores Elísio de Carvalho, Mota Assunção, Erasmo Vieira e Juan Mas y Pi. "O Libertário", não sabemos quantos números se publicaram; conhecemos o n.º 1, de 9 de outubro de 1904;

(1) — Estamos colhendo os informes necessários para organizar a dos que se publicaram em S. Paulo e outros Estados.

Por JOSÉ ROMERO

enderêço: rua Moraes e Vale, 5; iniciadores: Manuel Moscoso e Carlos Dias, sendo este o seu redator, os quais tinham a profissão de sapateiro e tipógrafo, respectivamente. Colaboração de Neno Vasco.

"Novo Rumo"; saíram 20 ou mais números, de dezembro de 1905 a maio de 1907. A iniciativa surgiu numa reunião que se realizou no dia 11 de novembro, para lembrar os Mártires de Chicago, a qual se fez na sede da "Federação das Associações de Classe do Rio de Janeiro", na rua Senhor dos Passos, 82, sobrado. A essa reunião assistiram Joel de Oliveira, Maria de Oliveira, Luiz Magrassi, J. Romero, Alfredo Vasques, Salvador Alacid, Carlos Lebaele, José Rodrigues, Antônio Moutinho, João Benvenuto e outros que não recordamos.

Constituiu-se o Grupo "Novo Rumo", com o fim principal de editar um jornal anarquista, mensário, e mais a miúdo conforme a receita e, também, com o propósito de uma revista. Tomaram o encargo da redação Joel e Maria, sua esposa, por serem intelectualmente competentes e conhecidos no meio. Eles mandaram comprar o periódico na tipografia de um simpático da causa, Adélino Ribeiro, na rua do Costa, de cujo número não nos lembramos agora. Pronto o jornal, Joel incumbiu o Adélino de remeter mil exemplares para o lugar indicado, "Sede da Liga dos Artistas Sapateiros", na rua Senhor dos Passos, 71 ou 73, sobrado, esquina da Avenida Passos, gentilmente cedida pelos seus diretores, para ali fazermos a expedição sempre que precisássemos. No dia esperado, lá estávamos, às 7 horas da

(Conclui na 3.ª página)

### Chamou-se Simón Radovitzski!

SEPULTOU-SE A 2 DE MARÇO DE 1956

"Nasceu Radovitzski em Ekaterislonav, um dos centros da epopéia de Nestor Makno, na Ucrânia, há mais ou menos 65 anos. Na juventude, participou do movimento revolucionário russo e foi ferido. Havendo deixado o país, dirigiu-se para a Argentina no princípio do século e, imediatamente, começou a militar na vanguarda anarquista de Buenos Aires.

Em 1909, vai à cena o episódio culminante da vida de Radovitzski. Nesse tempo, o proletariado argentino sustentava lutas violentas, pela obtenção de melhores condições de vida. As forças policiais de Buenos Aires massacraram — em diversas ocasiões — companheiros argentinos, razão pela qual o nome do coronel Falcón, chefe das forças, passou a ser sinônimo de tirania.

Radovitzski, com uma bomba, pôs termo às atrocidades do coronel Falcón... Prêso e julgado, teve como pena prisão perpétua na penitenciária de "Usuhaiu", na Terra do Fogo. Durante os vinte e dois anos em que esteve preso, foram organizadas pelos revolucionários do mundo inteiro, vigorosas campanhas pela imprensa e manifestações, que comoveram a opinião mundial. "La Protesta", de Buenos Aires, saiu à frente, de maneira brilhantíssima.

Organizada uma fuga — em certa ocasião — negou-se Simón Radovitzski a abandonar os companheiros de desgraça. Finalmente foi indultado. Após alguma permanência no Uruguai e no Brasil onde também esteve encarcerado — passou à Espanha e participou da revolução. Terminada esta, exilou-se para o México e continuou a participar das atividades do anarquismo mundial, ao lado dos companheiros mexicanos e espanhóis.

ADOLFO HERNANDEZ (C.N.T. n. 569)

A respeito de Simón, escreveu, no n. 569 de C.N.T., Federica Montseny:

Vidas Exemplares

#### SIMÓN RADOVITZSKI

Em um Sanatório do México, vítima de ataque cardíaco, acaba de falecer Simón Rodovitzski.

O companheiro Hermoso Playa, ao transmitir-nos a notícia, pouco mais nos permite acrescentar, tanta é a emoção que o embarga e é com a mesma emoção que me esforço por traçar estas linhas, ao despedir-me, para sempre, do que foi amigo querido, homem admirado, companheiro dileto, entre milhares de companheiros conhecidos e estimados.

Os laços de sangue nada querem dizer. Bem mais poderosas e sutis são essas fraternidades eletivas, esses afetos profundos, caídos na compreensão, na amizade, na afinidade, na ternura nascida em horas de prova compartilhada em duros momentos, através dos quais se conhece a tempera das almas, se vê desnudo o coração dos homens.

Em minha já longa vida de militante, quantos e quantos homens, companheiros de idéias, tenho conhecido e com quantos tenho tratado! Sempre me tenho esforçado em reconhecer e em estimular neles o melhor de cada um, passando por cima ou fechando os olhos ante os defeitos, as debilidades, as falhas... Nem todos se têm portado da mesma maneira em relação aos meus defeitos, minhas debilidades, minhas falhas. E nesta minha já longa vida de mulher e de militante, têm sido muito poucos, escassíssimos, os que tenho sentido e visto quase totalmente isentos de falhas, de debilidades e de defeitos.

A perfeição é impossível, e um homem perfeito quase não seria humano. Há séres, porém, em que perce-

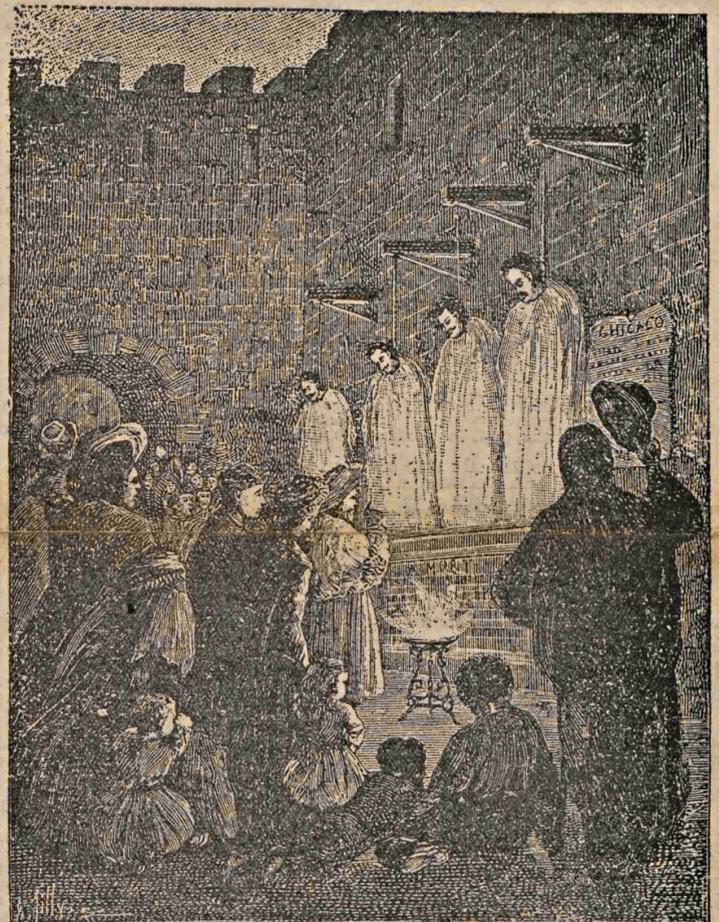
bemos tão grande nobreza interna, uma tão absoluta ausência de ambições, de pequenezes morais, de invejas, de ódios; um equilíbrio tão perfeito e tão profundo; uma lucidez e um domínio tão grande sobre a vontade; uma serenidade e um desprendimento ante todas as misérias; uma dignidade de vida tão permanente e tão inalterável, que os podemos julgar quase perfeitos. Perante eles pensamos: com homens, assim, a Anarquia é possível.

Um destes homens foi Simón Radovitzski. Ninguém jamais poderá apontar nele, já não digo uma má ação, mas uma manifestação de cólera, uma reação contra um companheiro, uma disputa em relação à ética anarquista, a mais elevada e a mais exigente de todas as éticas. Quando penso em um exemplo de bondade indefectível, de nobreza nunca desmentida, de retidão moral a toda a prova, de lealdade, de valor tranquilo, modesto; de vida simplesmente heroica, com esse heroísmo de todos os dias e de todos os minutos de uma existência, muito mais difícil que o heroísmo esporádico de um ato, de um rasgo, penso em Simón Radovitzski. Quando procuro um exemplo de vida humana de pleno acórdio com as nossas idéias desde a aparição da consciência até a extinção do próprio vital que nos anima, penso em Simón Radovitzski.

Não era nem um escritor, nem um sábio, nem um grande militante destacado. Era um homem simples, surgido do povo, não muito culto, rude quase, embora possuísse a mais rara das finuras, a mais estranha das delicadezas: aquelas que dá a aristocracia do espírito.

Durante um momento exaltado à atualidade internacional, num rasgo aparentemente incompatível com a

(Conclui na 4.ª página)



CHICAGO — 11 DE NOVEMBRO DE 1887

O ódio pelo bom êxito da greve geral de 1.º de Maio veio a determinar a condenação de vários dos mais ilustres elementos do movimento operário dos Estados Unidos. Cinco tiveram a pena de morte! Um deles, com um cigarro de fulminato de mercúrio, fez estourar a cabeça, pouco antes da execução! Quatro foram enforcados! Eis o primeiro tributo das oito horas de trabalho. A luta, no entanto, prosseguiu renhida, por toda parte. Novos e pesados tributos. Desemprego, perseguição, miséria, exílio, morte! Nada deteve, porém, o trabador consciente dos seus verdadeiros direitos! E a campanha triunfou!

Mas isto, quando os trabalhadores, não acreditando em políticos, se organizavam livremente e custeavam as suas campanhas com contribuições espontâneas, porque sabiam bem do destino do seu dinheiro.

Recordando tanto sacrifício de cujos frutos hoje gozamos, cumpre aos trabalhadores repelirem, primeiro, o escárnio de transformarem em festa, em cena de picadeiro, um dia de protesto; segundo, retomarem o rumo de que há muito foram desviados e organizarem-se como aqueles bravos companheiros, que, com o seu desassombro e desprendimento, forçaram a nos entregar tudo aquilo que, no campo social, hoje temos, em parte ou no todo.

BARRAL

### POLÍTICOS E MENTIRAS

Triste agitação política açoita o país. Criada por uns ou por outros, os do golpe ou os contra o golpe, os Lottistas ou os antilottistas, são todos os magnatas dos partidos políticos os responsáveis por essa lamentável situação.

Que diremos de tudo isso? Somente o que pensamos: que nada vemos nela de moralidade nem civismo; que são convulsões normais dos odiosos tentáculos do tricéfalo capitalista, ansiosos de açambarcar e tragar para seu proveito, com suas múltiplas e ambiciosas bocas.

Porque atuam nesse rumo? Para enganar a massa do povo; porque necessitam de usurpar, para exclusividade sua, a pretensa legitimidade da opinião popular. Aparatosa e singular comédia que a nenhum sensato ilude. Mascaramas contínuas de repetidas violências.

Porvir e promessas que repousam em burlas, mentiras e estratagemas. Ataques recíprocos para destruírem-se entre si, não para corrigir o falso e des-nivelado sistema. Homens que prodigalizam, em sua tormentosa ambição, medidas opostas e antitéticas com a repugnante e cinica desfaçatez desta época.

Passaram as eleições. Eleições livres! se podem chamar-se assim as de um povo afundado na miséria, que, obrigado sob ameaça de sanções, vai, com mão trêmula, humildemente, depositar seu voto de fome. Pergunte-se a esse povo produtor, com suas necessidades, em suas favelas, ludibriado nos sindicatos e roubado nos institutos, quem são seus adversários, seus exploradores; deixemo-lo decidir e veremos como

(Conclui na 4.ª página)

# Crônica Literária

Por JOSÉ OITICICA

**Tomás da Fonseca — FÁTIMA — Editora Germinal — Rio — 1955**

O autor denuncia, neste formidável livro, a farsa de Fátima. Ser Fátima deslavada farsa é coisa evidente para quem possui dois miligramas de bom senso e conhece a malandrice dos homens, especialmente os de batina. De fato, com o desmancha-prazeres chamado repórter, foram-se os milagres. A ansia dos espertos, forjadores de embustes, permanece; mas, logo surge, aos primeiros ecos, um homenzito bisbilhoteiro, de bloco e lápis apontado, seguido do fotógrafo e vamos de inquirir a fundo o caso e a bater chapas sobre chapas. E atrás do homenzito, vêm outros homenzitos e outros bate-chapas e puxa daqui, puxa dali, o véu vai-se esfiapando e a verdade, a palhaçada, revelando. O repórter, saibam todos, matou o milagre.

Ouço um protesto: — Como não matou Fátima?

O livro de Tomás da Fonseca desfaz o protesto. Fátima surgiu graças à ditadura de Salazar acompanhado com o Vaticano. Tudo tabelado, reprimido, encanado e um regente matreiro, inescrupuloso, a dirigir o espetáculo: o cardeal Cerejeira. Este impediu a reportagem, o exame, o inquérito, averiguações seguras, o desencaixo. E Fátima não se desmascarou logo, e a trama hedionda, bárbara, com o sacrifício de duas crianças, tomou vulto, corporificou-se, radificou-se, floresceu... frutificou. Nesse frutificou estava a premeditação. O fim era a renda, o rédito, o lucro, a moeda sonante, os milhões de escudos, os bilhões.

A triade promotora e arranjadora das aparições foram: o pároco de Fátima, Manuel Marques Ferreira, o fanático Benevenuto de Souza e o padre Abel Ventura do Céu Faria, prior de Seica.

A guerra de 14 impediu a execução do plano; mas, lá para os fins, industrializada a Lúcia no papel de Virgem, os dois pequenos Francisco e Jacinta no de videntes da Virgem e com lanternas projetoras para iluminar a Virgem, tudo se executou segundo o plano. E a cousa pegou, foi avultando e pastores e aldeões e gente das vilas a acudir. O bispo de Leiria hesitou a princípio; mas, vendo o rastilho queimando bem, chamou a si a empresa, afastando logo um terrível concorrente, um Gilberto Fernandes dos Santos, o Bicancara. Este deu tratos na bola e logo inventou medalhas, cartões, fotografias, preces, a infalível água de que exportava, para as rosas dos ventos, milhares de litros.

Tão rendoso negócio abriu as retinas do bispo e este resolveu mandar passear o intruso, dantes pobre e já milionário. Do bispo caminhou a cousa até o cardeal patriarca de Lisboa, o famoso Cerejeira e do Cerejeira até o papa Pio XII. Este achou de colaborar com a Virgem de Fátima alegando haver visto o sol dançar tal qual sucedera em Fátima a alguns romeiros.

Apesar de movimentada, tecnicamente, a máquina caça-níquel, Fátima ia minguando, isto é, o lucro. Foram causas minorantes: os quase nulos milagres, o penoso das romarias, o abrimento de olhos da maioria. E falaram mal, e foi crescendo a onda de descrença, e, apesar da polícia totalitária, foi-se avolumando o imperativo da revolta.

Perigava, pois, o bem carreado negócio. Eis senão quando, papocou, no cérebro de um dos empreiteiros, a genial idéia de levar a Senhora de Fátima de cidade em cidade, aldeia em aldeia, por todo o Portugal que a não podia ver na Cova de Iria.

Em 1942, mau grado a intensa propagação, o apelo de inúmeros bispos, o concurso do papa, havia possibilidades de malogro. A peregrinação da estátua pelos rincões portugueses não correspondeu às previsões do seu inventor. Sua coroação em Fátima com sermão do delegado pontifício, discurso do papa Pio XII reconhecendo as maravilhas de Fátima e o congresso mariano em Evora, nesse outubro de 45, marcou as novas rotas para êxito da empresa audacíssima.

A virgem foi coroada em Fátima, proclamada pelo papa rainha de Portugal.

Assim elevada, cumpria-lhe mostrar-se aos seus súditos, percorrer as terras, abençoar e beneficiar com milagres seus adoradores. E lá foi de paróquia em paróquia, de vila em vila, de concelho em concelho, abafando no percurso o prestígio de quantas outras Senhoras havia espalhadas por Portugal. "Foi assim, conclui o autor (p. 272) que conseguiram percorrer grande parte do país com a mira no cofre daqueles que o clero não convencera ainda a visitar a Cova."

Finalmente, Lisboa. A entrada foi soleníssima, com toda a militância oficial a frente para impedir possíveis desastros. "Primeiro, descreve o autor, as autoridades civis, eclesiásticas, e outras individualidades do Lumiar, a fim de lhe abrir as portas da cidade. A seguir filas compactas de oficiais da Polícia de Segurança Pública e de Viação e Trânsito; depois, continuando estas, novas filas de soldados da Escola Prática de Administração Militar; numerosos professores e crianças das escolas, enquadros e continuados por todos os membros dos numerosos organismos religiosos existentes em Lisboa, além de outros vindos do Norte e do

## AOS COMPANHEIROS E SIMPATIZANTES

AÇÃO DIRETA necessita de vossa cooperação para desenvolver-se aumentando sua tiragem. Como não pode nem deve ter anúncios pagos, vive exclusivamente das vossas contribuições. Cada exemplar de AÇÃO DIRETA custa Cr\$ 2,50 e é vendido a dois cruzeiros fora a percentagem do vendedor, isto é, um cruzeiro. Há pois um prejuízo de Cr\$ 1,50.

Importa ou aumentar as contribuições, ou alargar muito o número dos contribuintes. Quanto maior foi a venda, maior o prejuízo. Portanto, apelamos para o vosso esforço baseado somente na maior importância das contribuições.

Aqui fica nosso ansioso apêlo!

Sul do país. Pelas 14 horas, o cortejo inicia a sua marcha em direção ao Campo 28 de Maio, levando à frente motociclistas da P. T. V. (Polícia de Trânsito e Viação) em duas filas e o andar aos ombros dos soldados. Ao penetrar na Alameda das Linhas de Tórres, a Peregrina deparou com novas filas, constituídas por guardas da P. S. P. (Polícia de Segurança Pública) em toda a extensão daquela. Compareceram ainda Pupilos do Exército, alunos do Colégio Militar, cadetes das Escolas do Exército e Naval. Como se vê, a milícia totalitária em peso.

E o autor comenta: "E o ídolo entrou no seu novo santuário, um dos mais, senão o mais rico da cidade, tanto é o ouro, a prata e os estofos preciosos que ali se exibem ao olhar deslumbrado dos que vivem sem conforto e sem pão em lares que são tocas de bichos ou pocilgas."

Recebeu-a o cardeal Cerejeira com um "hino triunfal" no qual exclamou: "A multidão é inumerável; vejo-a nos olhos e chora, chora de alegria e de fé..."

A isso responde o autor: "Ah! Se esses pudessem responder-lhe... Noventa por cento, pelo menos, ter-lhe-iam replicado: "Está realmente na cidade, capital do Estado que, em 1910, proclamou a República. Cidade que passou a ser a capital do Império em que V. Emcia. é o único investido com o manto de púrpura. Investidura que, em poucos anos, a reduziu ao que é hoje: calada, submissa, triste, pobre, sem liberdade, sem direitos. Investidura satânica, que só impõe deveres, deixando-nos apenas a liberdade de formar cortejos ao seu ídolo; liberdade para levar aos ombros e despejar a nossa nas suas bôlsas; liberdade para rezar e chorar na medida que está vendo."

E prossegue: "Ninguém, entretanto, replicou a V. Emcia. porque ninguém poderia fazê-lo sem ser logo espedaçado e espezinhado até ficar reduzido a massa informe."

Depois, levaram a santa à Catedral com o mesmo aparato, depois... depois é que o gênio dos empresários culminou: levar a santa pelo mundo! Que (Continua na 4.ª página)

## II

Por outra parte, o escritor e livre-pensador, Medeiros de Albuquerque, na secção: "Aqui... Ali... Acolá..." da "Gazeta de Notícias", condenava de forma incisiva, o ato do governo espanhol. Nessa secção, na parte "Acolá..." dos dias 15, 16, 17 e 31 de outubro e 4 e 7 de novembro de 1909, ele comentou o fuzilamento de Ferrer, demonstrando com argumentos, que não houve nenhuma prova para podê-lo condenar. Na do dia 15, ele dizia o seguinte:

"Esta secção não deve ter hoje as suas três divisões habituais. Cada dia que se passa acentua a solidariedade entre todos os povos do mundo e é assim que — aqui, ali e acolá — por todo o mundo civilizado, reboam um grito de profunda indignação pelo assassinato, que o governo espanhol acaba de cometer."

"A alegoria que Julião Machado ontem publicou no "O País" é uma página soberba, que, se ele já não estivesse sagrado como tal, bastaria para sagrá-lo como um grande artista."

"O professor Ferrer era um livre espírito. Há pouco tempo, em Paris, constituiu-se a Liga Internacional para a Educação da Infância. Ele foi escolhido para seu presidente. Não era pequena honra, sabendo-se que dela faziam parte, Laisant, Haecckel, Sergi e outros de igual valor."

"Ousar alguém essa liberdade de pensamento sob o domínio clerical que esmagava Espanha, era o que não podiam suportar os que a governam. Por isto já uma vez tinham processado o professor Ferrer, somente para rechar-lhe a Escola Moderna. Mas foi preciso solta-lo e, com a sua firme tenacidade, ele voltou ao seu apostolado racionalista."

"Os últimos sucessos de Barcelona deram aos seus inimigos o pretexto para envolvê-lo de novo em outro processo. E como desta vez o julgamento se fez por uma junta militar, sumariamente, aconteceu o que sempre sucede nesses casos: esses juizes que ocasionalmente cumpriam as ordens recebidas, processaram, condenaram e fuzilaram Ferrer..."

"E um assassinato."

"E um assassinato, que provavelmente suscitará justo movimento de vingança contra os assassinos. Ninguém deve ser julgado e condenado, sem processo regular e todos os recursos de defesa. Mas, se os governantes espanhóis são os primeiros a dar o exemplo de uma execução sumária, sem que o condenado tivesse aqueles recursos; se eles decretam contra os outros a pena de morte por delito de opinião — eles mesmos dão direito a que se lhes aplique o mesmo sistema de julgamento, condenação e execução..."

"Com referência a alegoria de Julião Machado, publicada no "O País" do dia 14 de outubro, e à qual se refere o escritor acima citado, há a seguinte discriminação: **Atualidade**, no cimo do lado esquerdo. No centro, entre as figuras, acima de seu nível, a inscrição: **O Homem**. Do lado esquerdo, a táboa da **Lex**; em pé, servindo de parapeito, e no chão, espalhados, quatro volumes da **Lex**. Por trás do parapeito, em pé, o da lei, com uma carabina nas mãos, apoiada no canto da táboa, ainda fumegante. Do lado direito o corpo de Ferrer estendido no chão, e de sobre ele emergindo a figura de uma mulher, tendo na mão esquerda, o ramo de louros, e na direita, braço para o alto, uma tocha no meio dum círculo onde se lê: **Fraternidade Universal**; numa auréola em volta da cabeça, cujos cabos caem sobre os ombros, a palavra: **Consciência**. Ao pé da alegoria, a legenda, com o pensamento do artista, que diz: "O da lei: Ah! tens sede de justiça? Queres a perfeição social e outras utopias, com que nos fazes calefrios a nós todos, tão entusiasmados neste mundo harmonioso e perfeito? Tens sede de justiça? Sacia-a no teu sangue!..."

"Esses protestos e esclarecimentos na imprensa diária, sobre a tragédia de Barcelona, produziram efeitos benéficos na opinião pública, contribuindo para que o comício de repulsa ao ato do governo espanhol tomasse mais realce. Antes do dia 13 de outubro, o único jornal do Rio que se ocupou de Ferrer e demais vítimas e do perigo que ele corria foi o nosso pequeno mensário anarquista — "Liberdade!", editado pelo companheiro Manuel Moscoso. O artigo de fundo do número 2, de 8 de setembro de 1909, foi sobre a reação dominante em Barcelona, o qual, assinado pelo redator, é o seguinte:

### O PODER DAS TREVAS

Extinto o clarão da revolta popular que, por um momento, brilhou na capital da Catalunha, o governo espanhol desenvolve agora, friamente e senhor do terreno, a mais cruel perseguição contra as pessoas que tomaram parte na sedição ou, seguindo o critério jesuítico, que guia os homens que dominam a Espanha, para ela contribuíram.

Todos os revolucionários e homens de idéias avançadas conhecidos, que não puderam sair da Espanha, foram encarcerados. Falou-se em fuzilamentos. Não sabemos se isso será verdade. Mas o que sabemos com certeza é que um conselho de guerra trabalha ativamente em Barcelona, condenando numerosos inimigos do governo. E o que sabemos, também com certeza, é que a Escola Moderna, dirigida por Francisco Ferrer, foi mandada fechar por ter contribuído "com a sua perniciosa propaganda" para o movimento de reação contra o governo, e o seu diretor preso para ser julgado por um conselho de guerra.

Os propósitos do clerical governo da Espanha, com relação a Francisco Ferrer e a sua obra, são mais que manifestos. Quer aniquilar um dos homens que mais benefícios presta ao povo espanhol, para matar a imensa obra por ele iniciada. O clero

## À MEMÓRIA DE FERRER

Recordando o protesto feito pelos homens livres do Rio de Janeiro e do Brasil, contra o nefando fuzilamento

RECAPITULAÇÃO POR JOSÉ ROMERO

espanhol não tolera que Ferrer e os seus numerosos amigos espalhem pela Espanha inteira a propaganda da instrução racional e livre de preconceitos religiosos e políticos em contraposição ao embrutecedor ensino que o Estado ministra ao povo; não pode tolerar a obra de vulgarização científica que a Escola Moderna realiza por meio dos milhares e milhares de volumes que saem da sua biblioteca, espargindo a luz da ciência, não só na península, mas por todas as nações sulamericanas. Porque sabe perfeitamente o valor e a importância do trabalho que realiza a Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância, fundada por Ferrer e em cujo comité de iniciativa e direção figuram homens como Ernst Haeckel e Giuseppe Sergi, possuindo uma biblioteca composta com as obras de Elisée Reclus, Pedro Kropotkin, Alfredo Naquet, Ch. Letourneau, E. Lúria, Odon de Buei, Georges Engrard, Jean Grave, J. F. Elslander Ch. Malato, Anselmo Lorenzo, Dr. Toussaint e outros de reconhecido mérito, que dedicaram a sua vida ao estudo das ciências e tem o valor da sinceridade nas suas exposições.

Francisco Ferrer é o alvo das iras do governo da Espanha e da Igreja Romana porque nele vê um inimigo formidável, uma vontade de ferro e uma energia indomável.

Só quem acompanha de perto o trabalho constante e intenso dessa modesta e extraordinária personalidade pode fazer uma idéia da sua transcendental importância. Ele não é o fervoroso partidário que, animado pelo fogo de místico entusiasmo, aparece de repente deslumbrando a todos com atos de heroísmo, mas que, subitamente, cai, apaga o seu brilho e apenas deixa, na nossa memória, uma grata lembrança que nos serve de estímulo e o sentimento de admiração que sempre inspiram os heróis... Ferrer é o tenaz combatente calmo e sereno, sempre na brecha, sem arredar um passo, resistindo a pé firme aos furiosos embates dos seus poderosos inimigos, servindo à sua causa até nas próprias derrotas. Só assim pode conceber-se a intensidade da sua obra, que hoje tem ramificações por todas as partes do mundo.

São os homens da sua tempera e da sua coragem os que minarão o poder das trevas, secular tirania que mantém povos como o da Espanha na mais abjeta escravidão, porque possui a arma mais poderosa — o segredo de perpetuar a ignorância às massas.

Mas não se apagarão tão cedo os sinais do atavismo que séculos de fanatismo religioso infiltraram no sangue dos tiranos da Espanha.

As almas inquisidoras, os descendentes de Pedro de Arbues, de Torquemada e de Felipe II, não se extinguirão tão depressa. Os carrosses de Torrijos (1) ainda imperam. Ainda vivem os assassinos de Garcia Bao... (2)

Não seria de admirar que Ferrer e os seus amigos, que são os amigos da Luz e do Progresso, fúsem sacrificados.

O decrepito Maura e o cretino Afonso XIII nunca lhe perdoarão ter agasalhado sob seu teto o bravo e inteligente Mateo Morral...

MANUEL MOSCOSO.

No número 3, do citado mensário, do dia 10 de outubro de 1909, publicou, a duas colunas, o seguinte apêlo alertando os homens de espírito livre do Rio de Janeiro:

### "SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL CONTRA A REAÇÃO NA ESPANHA

Pelas últimas notícias que nos chegam da Espanha, vemos que a reação do governo contra elementos de idéias avançadas, é cada vez mais brutal. Alguns revolucionários foram fuzilados e o conselho de guerra funciona ainda.

"Francisco Ferrer, o inteligente diretor da Escola Moderna, está sendo julgado e querem condená-lo a todo transe. Na França iniciou-se uma intensa agitação contra a reação na Espanha, tendo aderido a ela Anatóle France e outras eminências; na Itália, Portugal e em toda a Europa, na Argentina, Uruguai e outras partes da América, já se iniciou o mesmo movimento. No Brasil, faz-se o mesmo, havendo-se realizado em S. Paulo algumas reuniões com esse fim. No Rio de Janeiro será secundada a campanha. Há o propósito de realizar comícios em diferentes localidades no dia 17 do corrente."

Além desse apêlo, publicava, também, transcrito do diário anarquista "La Protesta", de Buenos Aires, um artigo do incansável Anselmo Lorenzo, enviado de Barcelona, no qual, ele descrevia como e onde tinha começado a paralisação do trabalho, cujos fatos culminaram com a revolta popular da chamada "semana sangrenta", fazendo considerações sobre a ação do povo naquela movimento que não obedeceu a senhas nem direção de partidos. Ao mesmo tempo, fazia sentir a necessidade de levantar protestos de solidariedade para salvar as vítimas da tirania que dominava no momento.

O comício: No dia 17, domingo, conforme o apêlo da comissão realizou-se o meeting de protesto no salão do Centro dos Sindicatos Operários, como era denominado, por ser a sede de muito deles administrada por uma comissão composta de um delegado de cada associação ali instalada. O local ocupado compunha-se de dois andares, sendo o primeiro pavimento o principal, enquanto o segundo, equivalente à metade do abaixo, em construção puxada para o fundo do prédio; nele estavam as secretarias das sociedades. No salão existia um palco onde o "Grupo Teatro Livre", de amadores, representava, mensalmente, peças do repertório social. O prédio era contíguo ao edifício onde está a Drograria Pacheco, o qual foi demolido, existindo hoje nova construção. Antes de ir para o número 166, da Rua do Hospício, hoje Buenos Aires, a Federação esteve durante tres anos, no número 144 da mesma rua, por cima da Fundação Lebre, cujo proprietário era quem alugava o sobrado do prédio, o qual se compunha somente de um salão retangular, bem grande, com muitas sacadas que davam todas para a dita rua; no mesmo lugar existem hoje dois grandes prédios. Sobre o período da Federação nesse local teremos ocasião de falar mais tarde.

No palco foram colocadas duas mesas, uma para a comissão e outra para os representantes da imprensa. Ocuparam a primeira os seguintes companheiros: Carlos Dias, linotipista; Ulisses Martins, tipógrafo; João Gonçalves Mônica, empregado na Central dos Correios; Manuel de Almeida, marmorista; Luiz Magrazzi, tipógrafo; Manuel Moscoso, linotipista. Quinze minutos decorridos da hora marcada, Carlos Dias, abriu o comício sob a tempestade de morras a Maura, a Lacerda, ao Rei e ao clericalismo e se vivas à memória de Ferrer. A concorrência, apinhada, estendia-se pela escada até a rua e uma hora depois, já estava tomada quase desde a rua da Conceição, até a da Uruguaiana e adjacências da dos Andrades. Carlos Dias pronunciou o seguinte discurso: "Não foi tardiamente que, das camadas operárias do Brasil surgiu o protesto veemente contra o execrando crime. Ferrer, propagador de idéias avançadas, cujos ensinamentos pouco a pouco deixavam raízes profundas no espírito humano, não morreu na memória dos que o admiram."

"A campanha que iniciou contra o clericalismo e contra o militarismo é uma grande e humanitária obra."

"Pesa uma profunda máguia sobre todos nós quando temos a certeza de que este grande homem caiu varado por balas assassinas, nos fossos de uma fortaleza sombria."

"E mister que todos se levantam para protestar contra este atentado monstruoso."

"Vamos evoluindo a passos agigantados. Eleitos do pensamento e do talento erguem as suas idéias à altura que merecem e, quando um deles tomba, vítima da realza estúpida, é preciso que os pequenos vinguem a sua morte e que o grito de protesto ecoe em todo o mundo. A Espanha não é um país isolado. É preciso notar que fatos dessa natureza podem ter origem também aqui no Brasil."

Nos países clericais, onde o militarismo predomina, as altas camadas sociais têm o povo como escravo. A reação é necessária.

"Na Grécia antiga, a velhice e a gravidez eram respeitadas pela mocidade, mas na época atual, velhice como a de um Maura é preciso ser achincalhada. O protesto lançado contra a execução de Ferrer teve eco em todos os países do mundo civilizado e chegou até nós, grande e sublime. É preciso, pois, que também protestemos!"

Depois discorreu sobre a necessidade da criação de escolas modernas. A seguir falou João Gonçalves Mônica, dizendo:

"O meu protesto é vivo e solene, contra o atentado à liberdade humana, como este que todo o mundo condena."

"Viva a memória de Ferrer!, exclamaram."

"Viva a memória do fundador da Escola Moderna!, repetiram. A indignação era visível em toda a assistência."

(1) José Maria Torrijos, general espanhol nascido em Madrid em 1791. Serviu na guerra da Independência lutando contra as forças invasoras de Napoleão. Tomou parte ativa na revolução de 1820, com o general Riego, para restabelecer a Constituição de 1812. Em 1823, depois da derrota de Riego, que tinha sido enviado pelas Cortes de Cadiz para combater o traidor Ballesteros, teve que asilar-se em Gibraltar, onde esteve até 1830. Nesse ano, enganado com falsas promessas pelo claudicante e perverso Moreno, desembarcou com alguns emigrantes em Espanha, numa das praias perto de Málaga, onde foi feito prisioneiro e fuzilado com seus companheiros pelas forças do déspota Fernando VII. Nesse mesmo ano era enforcada, em Granada, uma mulher célebre, Mariana Pineda, pelo crime de bordar uma bandeira destinada aos liberais, que queriam proclamar a liberdade em Andaluzia e libertar a Espanha do governo despótico. Em canções populares, sempre foram recordados pelo povo esses heróis que morreram por amor da liberdade.

(2) Garcia Bao, jovem poeta e jornalista livre-pensador, um dos redatores do jornal "Las Dominicales" e um de seus fundadores lá pelos anos de 1878 ou 80, justamente com Joaquim Dicenta, se a memória não nos atraição. Foi assassinado, pelas costas, à noite, ao virar uma esquina de uma das ruas de Madrid, depois de ter estado na redação do jornal. Contava, a essa altura, vinte e poucos anos de idade. Toda a opinião espanhola atribuiu a morte aos clericais. Deixou um livro de versos intitulado "Ecos de um Pensamiento Libre", em cujas poesias cantou a liberdade e combateu a tirania e o obscurantismo.

### ATÉ OS JUIZES SE REVOLTAM!

"NINGUÉM CONDUZ GRANDES LADRÕES A JUSTIÇA" — "O Globo", em sua edição de 24-3-56, publicou a seguinte notícia:

"O juiz Bezerra Câmara, da 8.ª Vara Criminal, condenou a 10 meses e cinco dias de reclusão, além da multa de Cr\$ 500,00, Valentino Dutra Rangel, preso em flagrante, no dia 13 de janeiro último, quando furtava duas latas de marmelada num estabelecimento comercial da Rua do Carmo, 54. Em sua sentença, o magistrado finaliza: "O que dói, o que é de lastimar, é que somente as sardinhas sejam apanhadas ficando impunes os tubarões. Infeliz o juiz que, pondo seu dever acima de qualquer conjuntura, ouse, nos dias presentes, afrontar o poderio econômico-social de um destes últimos. E o cúmulo ter de condenar o desgraçado que furtou duas latas de marmelada enquanto a "marmelada" que infelicita a República, a sociedade e o crédito nacional permanece impune porque ninguém conduz grandes ladrões à Justiça."

Ademar de Barros, o "homem que rouba mas faz", interventor e governador em São Paulo, além de candidato derrotado ao governo da República, foi condenado por peculato, mas o serviço secreto particular do conhecido político avisou-o a tempo, para que pudesse fugir à ação policial e judiciária. Está asilado num República latino-americana, livre de qualquer ação punitiva das autoridades. No regime capitalista, é assim: quem rouba para comer vai para a cadeia; quem rouba milhões excursiona como turista. E encontra governantes que lhes facilitam tudo para que a esses ladrões do dinheiro do povo nada aconteça.

### O 10.º ANIVERSÁRIO DE "AÇÃO DIRETA" ...

(Conclusão)

noite; abrimos os dois pacotes enviados; mas, antes de começar a dobrá-los, cada um pegou um exemplar a fim de saborear a sua feição e ver a matéria que publicava. Passados uns segundos, Alfredo Vasques chamou a atenção, dizendo: "isto não deve ser. Vou se comuniquei tal coisa. E contra a orientação do jornal." Causou em todos certo desgosto o que se acabava de ler. O caso foi que o Joel na sua alta sabedoria, sem consultar os demais companheiros, tinha posto por baixo do título a seguinte avisa: "Órgão evolucionista. Além disso, resolveu ficar com 500 exemplares, sem dar explicação alguma. Inmediatamente resolveu-se ir buscar os que tinham ficado na tipografia e cobrir com tinta, em todos eles, o tal lena, coisa que se fez naquela mesma noite. Considerando uma deslealdade o procedimento de Joel de Oliveira, todos opinaram que ele não merecia mais a confiança do movimento. Depois decidiu-se que o companheiro Luiz Magrassi se incumbisse da reatuação ajuizada por outros. No artigo de fundo do 2.º número esclareceu-se qual era a orientação do periódico como órgão comunista-anarquista, dando um resumo das bases do ideal anárquico e os meios de luta que empregava para conseguir o seu triunfo. Na para fins de 1906 foi feita Assunção quem tomou o encargo da reatuação. Os seus enfeites foram Alfredo Vasques, rua do Hospício, 210 — 1.º andar; rua da Constituição, 54 — 1.º; rua Camerino, 28 — sobrado.

"A Terra Livre"; do laço direito, debaixo do título, o pensamento de Goethe: "O homem vive sobre a terra livre". Editado pelo grupo "Terra Livre", iniciou a sua publicação em São Paulo em 30-12-1906, onde se publicou até o n.º 33, em abril de 1907, por acordo entre os grupos "Novo Mundo" e "Terra Livre", passou a publicar-se no Rio de Janeiro, semanalmente, começando em 25-6-1907, até junho de 1908. Isto é, do n.º 34 até o n.º 62; voltando, dessa data em diante, a publicar-se novamente em S. Paulo, onde saiu até o n.º 75 (1910); nessas três fases, menos os dois ou três últimos números foi seu redator Neno Vasco (Dr. Nazianzeno de Vasconcellos, formado em direito pela Universidade de Coimbra, Portugal). Foram seus colaboradores Mota Assunção com o seu nome e com o pseudônimo de Cesar Mendes, Salvador Alacíd, Paulo Berthelot com o pseudônimo de Marcelo Verema, Dr. Reynaldo Frederico Geyer (médico) com o pseudônimo de Alcaine, Carlos Dias com o pseudônimo de Mestre Cuca, Manuel Moscoso, Edgard Leuenroth e outros; também Costa Rego escreveu dois artigos, um com o título "A Greve", e outro sobre o trabalho das crianças nas oficinas. Foram gerentes, primeiro: J. Romero; depois: Manuel Moscoso, Redação e Administração: Rua 7 de Setembro, n.º 7, sobrado; posteriormente Caixa Postal 236.

"Liberdade!"; saíram 3 números, de agosto a outubro de 1909. Redigido, composto e paginado por Manuel Moscoso; ele compunha-o na pequena tipografia existente na sede da "Federação Operária do Rio de Janeiro", na rua do Hospício, 144 — sob., a qual foi adquirida por iniciativa do professor Paulo Berthelot, para ali se comporem as publicações do Grupo Operário Esperantista, constituído por elementos das associações; o material tipográfico continha todas as letras com os acentos usados em "Esperanto".

"A Guerra Social"; periódico anarquista; sabemos terem saído 9 números, de junho a novembro de 1911. Numa reunião realizada pelos elementos anarquistas do Rio resolveram constituir o "Grupo Anarquista Guerra Social". Em seguida nomearam uma comissão para redigir e administrar o periódico, que tinham assentado publicar, a qual ficou composta dos seguintes elementos: Salvador Alacíd, Máximo Soares (Suárez), Luiz França, Manuel Gonçalves de Oliveira, José Rodrigues e João Azzua. Endereço: Rua Dias da Costa, n.º 9; Administrador: João Azzua. Colaboraram Gigi Damini, Cuyum Pecus (pseudônimo do Gigi), Carlos Dias, Máximo Soares, Astrogildo Pereira, José Martins, Salvador Alacíd e outros. Eram correspondentes no Est. do Rio Grande do Sul, Polidoro Santos e R. Fred. Geyer. De Lisboa, Neno Vasco enviou colaboração e de igual missão tinham-se incumbido José Cordeiro na Inglaterra, Ernesto Herrera no Uruguai e Manuel Moscoso, na Argentina. Por outro lado, os elementos de S. Paulo, com o fim de ajudar de forma mais eficiente o jor-

nal constituíram, também, um grupo com o mesmo nome cuja missão principal era conseguir recursos e propagá-lo. E como, nessa época, a composição, impressão e o papel estavam mais em conta do que no Rio, os elementos das duas cidades puseram-se de acordo, de maneira que o periódico era feito lá e remetido para cá. A redação remetia todo o original de que dispunha e, se faltava algum, os de S. Paulo preenchiam a falta; deste trabalho estava incumbido Edgard Leuenroth, juntamente com outros.

O professor Pedro Batista Matera, antes sapateiro, que tinha em Vila Isabel a escola primária "1.º de Maio", publicou em 1913-14 (?) um jornal de cujo título não nos recordamos. (2)

"A Vida", revista anarquista; n.º 1 em 30-11-1914; redatores: José Otílica e Francisco Viotti.

"Na Barricada", revista anarquista; n.º 1 em 15 de março de 1915; redator: dr. Orlando Correa Lopes.

"Spártacus", jornal anarquista, n.º 1 em 2 de agosto de 1919; redatores: José Otílica e Astrogildo Pereira. (3)

"Renovação", revista anarquista, em 10 de Dezembro de 1920; redator: Mâncio Teixeira.

"Renovação", revista anarquista; 1.º número, em outubro de 1921; do cabeçalho constava o nome de Elvira Boni, porém, era redigido por Marques da Costa.

"Ação Directa", jornal anarquista; o n.º 3 do 2.º ano, e de 10 de janeiro de 1923; redatores: José Otílica, José Simões, faziam parte do grupo, Garcia, Joaquim Bastos e Saavedra.

Pela lista acima, 12 periódicos e 5 revistas foram publicados no Rio de Janeiro até 1923, por iniciativas individuais ou de grupos anarquistas, porém, independentes de associações de classe.

Agora vamos dar a dos que, dependentes de sindicatos, tinham a orientação sindicalista revolucionária de ação direta que, como é sabido, é o método do anarquismo no terreno profissional, econômico e social entre as várias profissões (criadoras da riqueza comum), na sua preparação para a sociedade futura. Eis, pois, os que podemos citar no momento:

"A Federação", órgão da Federação das Associações de Classe do Rio de Janeiro, entidade federativa fundada em 10 de setembro de 1903; o 2.º número foi publicado no dia 1.º de maio de 1905, no qual foram inseridas "As Bases do Sindicalismo" de Emilio Pouget, nessa época, secretário geral da C. G. T. francesa.

"O Alfaiate", órgão da Liga dos Artistas Alfaiates, 1903-1906; O 1.º número apareceu no 1.º de maio de 1903, como poliantéia; foi redator Alfredo Vasques, alfaiate.

"O Marmorista", órgão do Centro dos Operários Marmoristas, 1904-1906; redigido por uma comissão nomeada pela classe.

"O Baluarte", órgão da "Associação de Classe União dos Chapeleiros", 1907-1912; redator, José Sarmento Marques, chapeleiro. Esta associação publicou no dia 1.º de maio de 1903, o 1.º número de "O Chapelheiro", mas, não sabemos quantos números saíram. "O Sindicato", órgão do "Sindicato dos Barbeiros e Cabeleiros", 1907; ignoramos quantos números se publicaram.

"A Voz do Trabalhador", órgão da "Confederação Operária Brasileira", (resolução do 1.º Congresso Operário Brasileiro, realizado em Maio de 1906 no Rio); publicaram-se 21 números, de 1-7-1908 a 9-12-1909. Redator: Manuel Moscoso e administrador J. Romero. Do n.º 4 ou 5, em diante, o jornal foi composto e paginado na tipografia do Grupo Esperantista com sede na Federação. Endereço: rua do Hospício, 144, sobrado e depois no n.º 166 da mesma rua. Colaboraram nele José Martins, Carlos Dias, Ulisses Martins, Rozendo dos Santos, Amaro de Matos (este, de Campos), Mota Assunção, Garcia Justo, Moscoso e outros.

"O Cosmopolita", órgão do "Centro Cosmopolita" (empregados em hotéis, cafés e restaurantes), 1914-1916 (?) redigido por membros da classe.

"Voz do Povo", diário, órgão da "Federação Operária do Rio de Janeiro", publicado em 1920. Oficinas e redação na rua da Constituição, 14; redator: Carlos Dias.

"O Trabalho", órgão da "União dos Trabalhadores da Construção Civil"; 1.º número em 10-6-1922; redator: Marques da Costa.

Antimilitarista: "Não Matarás", órgão da "Liga Anti-militarista Brasileira", criada em 1908, quando o governo da República cogitou de implantar a lei do serviço militar obrigatório. Saíram 1 ou 2 números; redatores: Mota Assunção e Eloy Pontes. A relação dos órgãos de associações

### O ANARQUISMO EM CUBA

Do secretariado de relações da Associação Libertária de Cuba recebemos as informações seguintes:

A Associação Libertária de Cuba aglutina cerca de mil anarquistas em todo o país, organizados, em sua maioria, em grupos sindicais por setores de indústria embora apreciável quantidade em lugares afastados dos centros de população. Militam de maneira individual. Isso acontece no interior do país e, conquanto mantenham relações normais com a organização podem ser qualificados como militantes passivos.

Nosso maior trabalho e influência desenvolve-se no movimento operário visto que a maioria dos nossos militantes operam nos sindicatos. Contamos com alguns militantes em centros do ensino médio, são estudantes. Em vários lugares, sobretudo no interior da República, há outros tipos de organização, como associação de vizinhos, sociedades de recreio, etc.

Em todas as organizações obreiras onde contamos com militantes, criamos um grupo sindical, lutando dentro da mesma, às vezes sozinho, outras vezes aliados a elementos sem tendência política definida e que, embora não militantes propriamente, aceitam nossa orientação.

Mantemos, desse modo, orientações uns em sindicatos do país combatendo as diretorias de outros elementos. Assim, fazemos parte das Federações Provinciais, que são seis, e de umas dez Federações Nacionais de Indústria, conquanto sejamos nelas minoria.

Fazemos parte ainda da Confederação de Trabalhadores de Cuba (CTC) com dois companheiros nossos no executivo, representando-nos.

Para as relações e orientações da ALC no movimento obreiro, contamos com uma secretaria de assuntos sindicais, encarregada desses misteres através do Escritório Obreiro Libertário.

No terreno da organização específica, a ALC mantém grupos e associações locais em cada povoado, cidade ou município onde existem companheiros. Estes mantêm relações entre si e com o Conselho Nacional, radicado em Havana por ser a capital da nação, e se ele composto de representações de todas as localidades.

Quase sempre temos mantido um órgão na imprensa. Tem saído com regularidade. As circunstâncias posteriores a 10 de março de 1952 a perturbaram e, atualmente, só editamos *Solidariedade Gastronômica*, órgão do grupo libertário do setor mais numeroso da ALC.

As Juventudes Libertárias (Seção Juvenil da ALC) estão organizando palestras em nosso local sobre vários temas, conservando assim uma propaganda impedida desde a data acima referida.

Quando nos era possível, organizamos reuniões públicas em locais sindicais, teatros e praça pública. Faz tempo não organizamos nenhuma embora companheiros nossos hajam participado de reuniões efetuadas por outros organismos, Associações culturais, etc., em nosso nome.

Pensamos ter em breve na rua, novamente, nosso periódico, pois agora depende, quase só, de recursos.

Mantemos relações com quase todos os organismos libertários do mundo, entre eles CRIA e CCRA.

Estamos recebendo quase todas as publicações que se editam por toda parte.

#### NOTA DE AÇÃO DIRETA

AÇÃO DIRETA publicará com grande prazer quaisquer informações que lhe forem remetidas por secretariados anárquicos.

de classe dá 9 jornais, contando um diário, mas, temos a certeza de que sairão mais alguns de outras entidades. E temos um exclusivamente anti-militarista. Portanto, pela relação feita, sobem a 27 (4) o número de publicações, sendo 5 revistas e 22 periódicos editados na Capital Federal desde 1898 até 1928; todos, devido à iniciativa dos libertários e sustentados por eles, por simpatizantes e pelo movimento anarco-sindicalista.

E com satisfação que lembramos esta parte da obra feita pelos idealistas de décadas passadas, na passagem de 10.º aniversário de Ação Direta. Seguramente, a maioria dos que tomaram parte nessas iniciativas já se terão integrado na mãe terra; alguns passaram-se para campos opostos, mas o movimento continua e o futuro pertence-lhe.

E, com a exposição acima, os novos ficam inteirados de que desde mais de meio século, sempre houve nesta metrópole semeadores do Ideal, os quais depois de 10 e 12 horas de trabalho cotidiano nos seus ofícios, ainda procuravam dispor de algum tempo para dedicá-lo à publicação de jornais, propagando por essa forma a redenção humana. Com vontade, idealismo e dedicação muito se pode fazer.

(2) Chamava-se *Liberdade* (Nota de Ação Direta).

(3) De Spártacus foram publicados 24 números (Nota de A. D.).

(4) — Caso alguém tenha conhecimento de alguma publicação anarquista ou sindical, não mencionada na lista acima, pedimos que o comunique por escrito a esta redação.

## Para Maior Glória de Satanás

Por Pedro Botelho Junior

### MISCELÂNEIA DE VIGÁRIOS E VIGARICES

**MISSA RELÂMPAGO** — No dia 5 de março último, uma família religiosa mandou rezar missa de sétimo dia na Igreja de São Francisco Xavier, marcada para as 10 horas da manhã. Exatamente a essa hora chegaram os primeiros convidados e a missa já estava no ato da Consagração. As 10 e 10 chegaram outros convidados e parentes (devido à falta de condução) e já não encontraram na igreja nem a missa, nem o padre. Reclamaram na sacristia e o sacristão alegou que a igreja estava com o relógio quebrado e não existia outro, nem no pulso de monsenhor. Já que não existia relógio naquela igreja, melhor seria que não existissem também o padre e o sacristão. Assim não haveria pretextos para que os católicos fossem vítimas do conto do vigário, mandando rezar missas que não passam de palavrórios em latim, para fazer jus ao preço que os padres cobram dos idiotas e ignorantes, que pensam que, mandando rezar ofícios religiosos em sufrágio da alma do defunto, terá este melhor descanso no outro mundo ou lugar reservado no Paraíso Celestial.

**O CARDEAL ESTÁ EM TÓDAS** — D. Helder Câmara pronunciou um discurso, ou conferência, como queiram, no auditório do Ministério de Educação (Quartel general da "Internacional Negra" no Brasil), sobre a urbanização das favelas. Não prestou contas dos gastos realizados com o Congresso Clerical, com as obras das favelas e muito menos dos dinheiros recebidos do Congresso Nacional. Mas mostrou-se eufórico, porque vai ser, ou já foi homenageado como a "Personalidade de 1955", prelúdio para outra nomeação equivalente ou superior a que ocupa D. Jaime de Barros Câmara, seu superior hierárquico, que, se não abrir os olhos, vai ser passado para trás, como já passaram o Cristo do alto do Corcovado por ocasião da visita que fez ao Brasil o Cardeal Spellman. D. Helder parece locutor da "Continental". Está em todas... menos na igreja, no Paraíso Celestial ou... no Inferno.

Por causa disso é que não há dinheiro que chegue para o ambicioso cardeal. Arvoza-se em construtor, passando para trás os engenheiros da Prefeitura, organiza Congressos Clericais para não prestar contas, acusa os comunistas pelas chuvas que caem no solo guanabarrino e não permitem a realização das procissões, assim como pelo aumento crescente das tendas espíritas e das macumbas esquecendo-se, completamente, de que, como ministro de Deus, sua missão na Terra é completamente diferente da que desempenha. Não há dúvida de que os católicos do Brasil e seus dirigentes estão completamente divorciados da fé católica. Satanás, dentro de seus domínios, deve estar radiante de alegria. O Catolicismo vai-se desagregando por si mesmo, porque não tem bases sólidas para se manter em evidência. As leituras e o progresso da Ciência estão minando a estrutura do catolicismo, que, se ainda existe, é por causa da ignorância em que a Humanidade viveu durante muitos séculos. Mas tudo o que tem princípio, tem fim. E o predomínio da Igreja vai desaparecendo, não tão depressa como seria de desejar. Mas vai.

**INCENDIO OPORTUNO** — Em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, um incêndio destruiu completamente as oficinas tipográficas onde eram impressas várias publicações de orientação e subordinação à Igreja Católica Romana. Os diretores da tipografia, como bons negociantes, tinham o estabelecimento no seguro, pois não confiavam muito na providência divina. Salvaram o capital, que era o que mais lhes interessava; mas, durante muito tempo, não poderão imprimir nada que sirva para entorpecer a mente da juventude e dos adultos que vivem obcecados pela literatura católica. Que outros incêndios em tipografias católicas se reproduzam são os desejos de Pedro Botelho Junior, para que diminua sensivelmente a produção das tipografias clandestinas que funcionam nos conventos e seminários clericais.

**PORQUE LUTERO SE REVOLTOU CONTRA A IGREJA CATÓLICA?** — "Lutero, o ex-monge agostiniano, tinha muita razão para revoltar-se contra a religião católica romana. Ele viu em Roma, sob a responsabilidade direta do Papa, as coisas mais escabrosas que jamais qualquer mortal poderia imaginar.

Que viu Lutero em Roma, para que abalasse tão profundamente o seu espírito? Simplesmente isto: toda a cidade transformada em um só lupanar, sob a orientação direta do Papa e dos elementos do clero para que aquela renda tão iníqua e tão nojenta fosse empregada para continuar a construção da igreja basílica de São Pedro, paralizada por falta de dinheiro, e a escandalosa venda de relíquias de Santos, em cada esquina, até dentro dos mais sujos lupanares."

**O SEGUNDO TESOURO DO MUNDO É EMPREGADO NA CORRUPÇÃO DA JUVENTUDE** — "O Vaticano é uma organização internacional imperialista que arranca de todos os povos contribuições enormes, que concorrem cada vez mais para aumentar um tesouro que já orça, em nossos dias, pela casa dos treze bilhões de dólares, sendo assim o segundo tesouro do mundo, sem compromissos de qualquer espécie. Essa potência internacional se torna cada dia mais poderosa e o exemplo ocorrido na Argentina evidencia o grande perigo para os governantes fracos, que não sabem resistir."

(Do "Mundo Ilustrado" do Rio de Janeiro.)

**UMA IGREJA EM PÉ DE GUERRA** — A Custódia do Congresso Clerical, um dos pontos altos da solenidade carnavalesca da padralhada, foi construída por uma firma especializada do Rio Grande do Sul e custeada por grande número de pessoas que ofereceram suas jóias para esse fim, embora se privassem do mais necessário para comer. A custódia tem as seguintes características: Peso: 140,148 k de prata dourada; 2,50 m de altura; pedras incrustadas: 56 brilhantes e diamantes; 1,020 pedras semi-preciosas; e 1 berilo azulado com 790 gramas. Toda essa riqueza está guardada por uma turma de 80 homens que, noite e dia, se revezam na sua vigilância. A Igreja de Santa Ana, próxima à Praça Onze, onde se encontra o tesouro, está transformada numa dependência policial, com quartos e refeitórios para alimentar os vigilantes do tesouro religioso.

Será que os padres da Igreja perderam a fé no poder da espada de S. Gabriel? O santo, sozinho, não será capaz de montar guarda contra qualquer mortal que se atreva a cometer um sacrilégio contra a Custódia Divina? São Jorge e São Miguel não serão capazes de correr em auxílio do outro santo no caso de tentar alguém roubar uma jóia oferecida à Igreja em nome da Sagrada Eucaristia?

Está-nos parecendo que os padres perderam as esperanças na fé e no poder divino dos santos e do próprio Deus. Se assim não fosse, para que homens armados dentro da Igreja?

**VIGÁRIOS VIGARISTAS** — A Vila do Vintém, em Realengo, é habitada por gente de poucos recursos mas que paga aluguel a alguém que se intitula dono dos terrenos, mas não possui títulos de propriedade.

Uma Comissão de Inquérito, instituída pela Câmara dos Deputados, chegou a essa conclusão, mas parece que há gente de batina envolvida nessa sujeira. Assim como nos barracos do bairro do Catumbi, acreditamos que nada acontecerá aos ladrões que exploram a miséria dos trabalhadores.

Cadeia não foi feita para padre nem para políticos de alta linhagem.

**POLÍTICA E RELIGIAO** — Isto é com D. Jaime e D. Helder Câmara: "Não é possível ser sacerdote e ser político ao mesmo tempo, em qualquer religião; da mesma forma, não é possível ser soldado e político, sem prejuízo de um dos dois. Um deles sofrerá infalivelmente as consequências dessa ruínoza ambivalência..."

"É tremendo erro de jurisprudência e legislação social consentir religiões e seus chefes metidos em política e intimidade com o Estado e seus assuntos sociais ou econômicos."

(Dos jornais.)

**AÇÃO DIRETA**

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light. Na rua Marechal Floriano, esquina de Conceição. Visconde de Inhaúma, esquina de Av. Rio Branco.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes). Uruguiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradás.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G. Vargas, esquina de Uruguiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araujo Pôrto Alegre, esquina de R. do México.

**PREÇO: Cr\$ 2,00**

**Crônica Literária**

(Conclusão)

não renderia isso? A viagem por Espanha, com Franco ao leme, foi triunfal; mas a França não acolheu bem essa concorrente perigosa da Senhora de Lourdes; êxito na Bélgica; meio êxito em Holanda e Luxemburgo, com parca receita entretanto. Com muita cautela e estudo plano, andaram pelo Egito. Finalmente, descobriram as Américas e o êxito sobreexcedeu a expectativa.

Dinheiro! dinheiro! mais dinheiro para o insaciável cofre dos empresários.

As duas crianças, Francisco e Jacinta morreram tuberculosas. Lúcia foi trancafiada num convento e ninguém a viu mais. A propaganda fez o resto protegida pela ditadura portuguesa, a de Salazar.

Nesse caso de Fátima, temos vivo exemplo da colaboração íntima de Estado e Igreja. Por trás dos dois, a alta e baixa finança, a exploração consciente, calculada, fria, assassina de quem se oponha, perturbe ou comprometa a salafaricagem dos ladrões. Porque são todos eles ladrões consumados, descaradíssimos larápios uniformizados disto ou daquilo, fabricantes de armas ou de hostias, discursadores em parlamento ou rezadores de missas. Todos atrás do dinheiro à custa dos que trabalham de fato.

O livro de Tomás da Fonseca é um clamoroso libelo contra essa mancomunação infame dos poderosos da espada com os poderosos da mitra, uns em nome de leis forjadas a favor deles, outros em nome de seres fantásticos e doutrinas falsas em que nenhum deles creia mas que impõem ao povo para roubá-lo.

A nossa senhora de Fátima é um dos mais execradores negócios do século XX, ladroeira de requintadíssima feitura, protegida, amparada, robustecida pelo governo português de um lado e do outro por um papa que vê o sol dançar e vê Cristo em pessoa!

As provas dessa gatunice em larga escala se acham documentadas nesse indispensável livro de Tomás da Fonseca, desde o roubo do tesoureiro da empresa José dos Santos Rito (seis milhões de escudos, ou dezoito milhões de cruzeiros), até os gastos incriveis do Estado Português com Fátima e demais ventosas católicas em Portugal.

A 17.ª carta ao cardeal Cerejeira, a última é um ataque direto, pessoal, tremendo, a esse maquiavélico, tortuoso e mais alto responsável da exploração clerical em terras portuguesas.

Termina com esta indignada apóstrofe: "E findo aqui, sr. Patriarca de Lisboa, mas não sem que também lhe grite com todo o vigor de minha alma: — Ó criatura sem entranhas, para que abismos pretendes arrastar o rebanho de surdos e de cegos que pastoreias em nome do Absoluto, à sombra do qual a Igreja procura subjugar o mundo? Vê se encontra alguém que faça chegar ao teu espírito um raio de luz benéfico e que, a seguir, destile, sobre teu coração, uma gota que seja de verdadeiro amor à pessoa humana!"

Fátima, de Tomás da Fonseca, é um grande livro, livro indispensável ao desmascaramento dessa enorme, dessa monstruosa impostura da Igreja.

**Políticos e mentiras**

(Conclusão)

mo e com que linguagem por fim a todos esses fatos.

Temos um novo chefe de Estado, eleito em pleito eleitoral; mas, todo Estado é soberania e toda soberania, segundo suas necessidades, é absoluta e despótica. Em consequência, o pleito eleitoral não é mais que justificação de querer revestir de falsa legitimidade popular, um governo que atuará de forma arbitrária e sem controle. É uma necessidade dos Estados, por imposição da evolução social deste século, o querer aparentar, em suas formas, a expressão livre e sincera do povo. Têm de esconder suas aparências e desmandos ante uma paródia de liberdade sem a qual os espíritos ingênuos menos maleáveis seriam e poderiam perigosamente agitar-se.

Todos esses partidos políticos, que representam o sistema estatal, são os nefastos monstros criadores das fatais pragas esmagadoras do povo. São formas políticas de vários interesses exclusivamente capitalistas, que tentam justificar-se com tortuosas fórmulas, ditas constitucionais ou democráticas, e leis de farsa, e ser intérpretes da vontade popular. Na realidade, não fazem mais que impor atos e sacrifícios que o povo jamais houvera aceito ou em que desejara ouvir falar.

Não discutimos nem buscamos se há sinceridade nas palavras de alguns dos elementos desses partidos. Apenas, o que nenhum deles poderá negar é que, ante a evolução nacional, representam o sistemático e permanente contrassenso, contínuo e imaginários espasmos em busca da estabilidade social, que sabem perfeitamente jamais poder-se alcançar com a estrutura capitalista.

Há um novo presidente! Que proveito vão ter as massas produtoras? Representante dos magnatas do capital, dos banqueiros parasitários, dos contratistas sem escrúpulos e dos especuladores sem consciência, nada poderá mudar. Se algo intentasse, em sentido oposto aos interesses desses, as molas maquiavélicas se encarregariam de fazê-lo parar.

Desgraçadamente, de Norte a Sul e de Este a Oeste, o atual e trágico problema da vida humana, o misero pão quotidiano, continua e continuará nas negras condições comuns, dirigido pelos imperialismos e disfarçado com rótulos e fórmulas de mentiras correspondentes.

Estamos vivendo hora de lutas por ambição, alheias aos interesses do proletariado, manifestadas em todo o país por atos sujos e monstruosos. Todos empenham seu pretenso patriotismo e dignidade em querer representar a legitimidade com perseverante martelar de linguagem turva, cujas palavras nem queremos reproduzir. Se, num raio de enérgica justiça, aplicasse o povo, simplesmente, suas leis, seria preciso colocar barrotos no parlamento para deixar encarcerados esses delinquentes.

Enquanto isso, vai crescendo a miséria; continuará o número dos desgra-

**Tôda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a nossa Caixa Postal.**

çados; os especuladores do comércio e da indústria aumentarão seus lucros, explorarão sem piedade; o custo de vida subirá e se agravará incessantemente o déficit da nação que o esmagado povo carrega aos ombros.

Nosso movimento, estranho a tais manejos, não se pode negar, tem o mérito de sua clarividência e constância. Nele não pode morder a política nem o desviar. Permanece invariável em seu comportamento, traçado pelo reflexo de sua doutrina baseada na realidade.

Hoje, mais que nunca, o anarquismo renega esses atos e a necessidade desses sistemas. Fiel em sua história, prossegue denunciando-os como falsa, intrusa e desconexa legitimidade. Não admite neles o menor direito conservador. A exploração desses indivíduos durará enquanto seus falsos prestígios políticos continuarem sendo funesta fascinação nas mentes humanas, enquanto os Estados, com suas bases de opressão, de força e habilidosas combinações mantiverem a diversão ante a miséria de suas populações, enquanto latejar essa falsa plataforma social de antagonismos de classe, enquanto os impérios e seus satélites, com recíprocos convencionalismos de domínio, ha-tearem, com o auxílio de seus empulhas, falsas bandeiras e focos de agressão.

Estamos num século em que todos os povos sofrem atrocemente as catástrofes resultantes da decomposição política dos Estados capitalistas. Como evitar esses males? Organizando socialmente as nações, federando todos os párias numa estrutura de interesses coletivos, submetendo à razão os impérios da força, equilibrando o apoio mútuo e o respeito aos direitos, reafirmando a segurança individual ante o poder coletivo, forçando o explorador a inclinar-se ante os legítimos direitos da comunidade, consignando, nos estatutos das federações dos produtores de todo o mundo, as regras que impedirão o desequilíbrio das normas das necessidades humanas na coletividade universal.

Ninguém deve ignorar que o Anarquismo, em seu movimento, jamais cessou de trabalhar nesse sentido; que sempre foi o motor perfeito, impulsor, sem falsas mentiras, da clara justiça emanada das necessidades humanas.

Seu programa não é obra própria nem exclusiva de nenhum partido. Nele encerram-se as reivindicações, positivas e justas, de todos os explorados. A clara posição apolítica do anarquismo não pode dar margem a dúvidas. As melhores e o equilíbrio dos povos não podem ser facultadas nem firmadas, atualmente, por Estados ou partidos políticos. Tais melhoras devem sair das massas pensantes e produtoras como resultante de um estudo coletivo das exigências do momento.

É de supor que seu começo não seja perfeito nem completo e tenha falhas; mas, indiscutivelmente, terão ficado em pé as federações proletárias necessárias com sua ação enérgica contra a exploração. De sorte que, automaticamente, desaparecerão as misérias e ficarão igualmente assentadas as alavancas do equilíbrio social, que servirão de pedestal à sociedade futura.

Essa é a posição do anarquismo ante o povo; por isso, sua ação social é apolítica. Sua luta não se limita à destruição de quanto estorva a melhora da sociedade; pretende ainda fazer compreender aos homens equivocados, sinceros e de boa fé, que a causa de suas desditas, guerras e exploração se acha nos atuais sistemas estatais defeituosos, abrir os olhos, penetrar nos cérebros e deparar fartamente as provas irrefutáveis de calamidade, egoísmo e

**CHAMOU-SE SIMÓN RADOVITZSKI!**

(Conclusão)

sua alma e com a sua vida: — a execução do tenente-coronel Falcón, assassino de operários e camponeses argentinos — para muitos é desconhecido o seu nome, que as trombetas da fama não proclamaram e que não alimentou a publicidade própria das estrélas da arte cinematográfica ou da política. Mas, enquanto essas glórias fabricadas são passageiras e efêmeras, a de Simón é imorredoura. Os livros que ele jamais escreveu, escreveu-os a lenda dos que com ele conviveram no presidio e nos campos de batalha. O corpo de Simón cessou de existir. Simón viverá sempre na alma dos que o conheceram. E quando, por nossa vez, deixarmos de existir, permanecerá viva a memória de Simón, transmitida na enumeração dos exemplos da sua vida, como permanece viva a memória de Fermín Salvochea e de Relcua, com os quais formou rara trilogia, separados pelo tempo e pelo espaço, porém, extraordinariamente unidos por esse sutil cordão umbilical, que constitui a verdadeira filiação da espécie.

Que levou esse pálido adolescente ucraniano a converter-se em braço executor da justiça popular? Que impeliu esse jovem sonhador, meigo, de lindos olhos claros, a iluminar e a embelezar o esqualido semblante de Cristo moderno, a ser o que havia de julgar milhares de assassínios de trabalhadores, perpetrados pelo verdugo Falcón, instrumento da burguesia argentina? Dezenove anos contava Simón Radovitzski quando, em 1909, executou o homem sinistro que tinha na consciência a mais terrível das repressões sofridas pelo proletariado de Buenos Aires e por todos os desditosos trabalhadores do campo, vítimas da exploração iníqua de um feudalismo econômico sem freio algum.

O clamor produzido na América e na Europa pela execução de Falcón, somente se pode comparar ao que haviam produzido no passado, a de MacKinley, por León Czolszoz; a de Cárnovas del Castillo, por Angiolillo; a do czar de todas as Rússias, por Stepiak, e a que produziram depois a de Dato na Espanha e a do tenente-coronel Varela, em Buenos Aires também justificado pelo anarquista alemão Kurt Wilkens; Varela, herdeiro de Falcón nas mesmas missões destruidoras; gêmeo em sadismo e ferocidade.

Radovitzski foi condenado a prisão perpétua no terrível presidio de "Usuhaia", na Terra do Fogo, "o reino da morte lenta". Com efeito, abolida a pena capital na Argentina, os passíveis de pena de morte eram enviados a morrer a "Usuhaia" onde sucumbiam, quase todos, ao cabo de muito poucos anos.

Simón não morreu, embora ali contraísse a doença pulmonar que devia acompanhá-lo até o resto da sua vida. E Simón saiu de onde poucos homens saem: depois da grande campanha de libertação de Radovitzski, empreendida pelos companheiros de "La Pro-

**Nosso fim:**

**IGUALDADE E LIBERDADE**  
(comunismo e anarquismo)

**Nosso método:**

**AÇÃO DIRETA**  
(nada por meio de governos)

Incompetência, manifestas nos atos e palavras dos partidos políticos.

Perante o tempo, nenhum poder político pode desculpar seus atos e falsas razões ou, sequer, refutar as razões básicas do anarquismo. Ninguém pode negar que o porvir da nação se achará definitivamente assegurado no dia em que se hajam reconciliado os homens em suas classes; que o bem estar e a liberdade estarão totalmente conquistados no dia em que o anarquismo haja pôsto fim à exploração do homem pelo homem; que a ordem e a segurança e o bem estar se estabelecerão no dia em que o Comunismo Libertário universal puder repartir e intercambiar equitativamente as riquezas produzidas na terra.

A política capitalista da nação foi incapaz, tal qual a do mundo inteiro, não só de acomodar-se ou entender-se, como ainda cumprir o elemental dever de suprir as necessidades materiais de seus cidadãos. Nesta época de superprodução, é incapaz de dar aos produtores a quantidade de matérias imprescindíveis. Só tem sabido criar iniquidade, divisão, sofrimento, destroço e miséria.

Por isso, o anarquismo, arrostando essa política e seus pestíferos atos, ofensivos da dignidade, continua sua marcha sem colaborar nem aceitar a bárbara alternativa entre as iniqüidades capitalistas e os direitos humanos. Sua missão é acrescentar constantemente o bem estar, distribuir segundo as necessidades e firmar uma justiça igualitária, dedicar à sociedade, sem exploração de espécie alguma, os proveitos comuns da natureza e do progresso.

Essa é a sociedade do anarquismo; não é uma utopia. Os elementos existem. Os párias os têm nas mãos e só faltam suas vontades para poderem realizá-la.

**NEMO**

testa" e da "F.O.R.A. e da qual se fez eco a imprensa da América Latina e a de boa parte da Europa, conseguiu-se arrancá-lo ao cabo de longos anos de encarceramento, ao "reino da morte lenta".

Naquela campanha perseverante, todas as vozes generosas se elevaram reclamando a liberdade do homem chamado já "o anjo de Usuhaia", Herminia Brumana, Salvadora Medina Onrubia, Alfredo Palacios, os mais eminentes intelectuais e políticos de esquerda da Argentina, uniram a voz à dos nossos companheiros e ao que era já clamor popular. Com efeito, Simón já não era apenas o que justificara Falcón, o vingador de milhares de trabalhadores metralhados; era agora o homem que fez dele "Usuhaia". Ali iam a apodrecer todos os criminosos empedernidos, segregados definitivamente da sociedade como leprosos; ali onde se reunia a mais espantosa galeria de tipos humanos riscados do mundo dos vivos; ali onde se penetrava como no inferno, em cujo frontispício se deveria haver gravado as palavras "Lasciate ogni speranza", a expressar a renúncia total da vida; ali nasceu o homem que todos conheceram e amamos.

Quantas vezes lhe perguntei: — E como pudeste sobreviver a Usuhaia, Simón?

Sorrindo com o lance dos lindos olhos tristes, com o doce acento argentino, Simón me respondeu: — Oh! Jamais se deve perder a vontade de viver.

— Eras um menino e te encarceraram entre homens transformados em bestas-feras pelo sofrimento, pelo desespero, ferreteados por heranças de alcoolismo, de epilepsia, de sífilis...

— No meio de todos esses homens encontrei eu, tipos capazes de dar a vida por mim. Eu lhes dava a única coisa que jamais perdi: minha consciência de anarquista e minha solidariedade de homem.

Este foi o milagre de "Usuhaia". Outro homem teria morrido, vítima dos próprios prisioneiros, que se assassinavam muitas vezes entre si e que suprimiam todo rival no domínio das zonas de terror organizadas entre os presos e sobre os mesmos presos, Simón, pouco a pouco, foi tornando humano esse regime interior, tolerado e alimentado pelo pessoal da penitenciária, que assim eliminava os presidiários mais perigosos. Simón foi o enfermeiro, o mestre, o amanuense que não sabia escrever; o leitor, o confidente, o professor dos moribundos, "o anjo de Usuhaia", a consciência humana que levou um pouco de luz às mais espantosas trevas imaginadas pela mente.

E ali onde ninguém tinha amigos, Simón teve amigos, que o ajudaram nas duas fugas que dividiram o seu longo encarceramento. E ali de onde não saía nenhuma notícia, nem uma carta; dali onde os homens faziam civilmente mortos; dali saiu a formosa lenda de Simón, o Místico; de Simón, o Homem que tornou humana "Usuhaia".

Pouco tempo havia que Simón delixara o cárcere, quando estalou a Revolução Espanhola. Simón correu a Espanha, para nos ajudar, a incorporar-se nas milícias, a participar com nós outros todos os perigos da luta e toda a embriaguez do primeiro triunfo do proletariado sobre o fascismo; da primeira realização socialista libertária na sociedade.

Seria interminável este artigo se devesse expor tudo o que foi a passagem de Simón pela Espanha. Em "Cénit" penso estender-me mais a respeito.

Porém, basta dizer que, se bem que naquelas horas fossem numerosos os companheiros de todos os países que acudiram à Espanha, para colaborar conosco na estruturação de um mundo novo ou para empunhar armas contra o fascismo, nem em todos esta colaboração e este concurso adquiriram as características absolutamente objetivas e desinteressadas de Simón. Jamais houve nele uma censura, nem uma crítica a coisa alguma, a ninguém. Como Nettlau, a sua atitude foi a de confiança inquebrantável, o crédito moral mais amplo, a solidariedade mais absoluta. Sofria por nós e conosco; sua alma sempre nova vibrava uníssona com a nossa. E quisera ser mais jovem, mais forte; estar dotado de energia sobre-humana, para ser mais útil, para melhor ajudar-nos e servir a grande causa pela qual ele tinha dado a vida, toda a vida.

Depois, vinda a revolução, terminada a guerra, seguiu conosco para o exílio e no exílio, confundido conosco, perdido entre a massa exilada, faleceu. Nestes últimos anos, a sua saúde estava bem combalida. Porém, o seu otimismo, a sua fé, a sua confiança, eram como sempre.

Não posso imaginá-lo morto. Vejo-lhe os claros olhos, bons e inteligentes, a grande fronte que a calva prolongava. O sorriso indefinível, em que vivia toda a tristeza do mundo e toda a bondade de um coração de homem que, à força de pulsar e sofrer por todos os homens, se gastou.

Foi este coração fatigado, este pobre e terno coração, o que faliu no rígido e anguloso corpo. E é sobre este pobre coração onde tantos infelizes tombaram; onde tantas dores destilaram a sua amargura; onde tantas vezes eu mesma houvera querido reclinar a fronte. Da sua aparente doçura, da sua mansidão aparente, se desprendia uma espécie de sutil emanção de paz e de energia; em certos momentos, fitar Simón e ver os seus transparentes olhos fixos nos meus, insuflando-me valor e calma, me fez o maior bem possível em horas bem duras e bem difíceis.

Salve, Simón! De ti como de Guyau, pode dizer-se:

O simples fato de que tenhas existido, significa a espécie humana; liberta e engrandece o homem; realiza o nosso sonho de bondade, de beleza e de justiça.

**FÁTIMA**

(História de um grande embuste — Cartas ao Cardeal Cerejeira)

POR

**TOMÁS DA FONSECA**

416 págs. de erudição e combate à mistificação religiosa e exploração do milagre. Preço: — Cr\$ 80,00. À venda nas boas livrarias e, pelo reembolso, na Editora Gerninal,

Caixa Postal 142 — Lapa — Rio de Janeiro